

O SILENCIAMENTO DAS VOZES SUBALTERNAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA OBRA “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Wallace Rodrigues¹
Patrícia Karla de Moraes²

Resumo

Este artigo busca realizar uma análise a respeito da obra “Quarto de despejo – diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, que nos traz relatos reais sobre a vida em uma favela. Objetiva refletir, através da obra, sobre a temática afro-brasileira, de maneira a compreender sobre o que trata essa literatura afro-brasileira e qual sua relevância em ser inserida nos cânones literários. A metodologia utilizada foi teórica e de cunho bibliográfica. Os resultados mostram a necessidade em conhecer sobre a literatura afro-brasileira, pois entende-se que o uso de suas temáticas na construção de uma sociedade mais consciente e justa faz parte dos processos de desconstrução de estereótipos, de preconceitos e racismo que devem ocorrer em relação aos caminhos que achávamos conhecer sobre a história do negro no país.

Palavras-chave: Quarto de despejo. Literatura afro-brasileira. Vozes subalternas. Cânone.

THE SUBALTERNAL VOICES SILENCING IN AFRO-BRAZILIAN LITERATURE: AN ANALYSIS OF “CHILD OF THE DARK”, BY CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract

This paper looks forward to analyse Carolina Maria de Jesus' *Child of the Dark - diary of a slum*, which it brings us real histories about life in a slum. It aims to think about the literary works on the Afro-Brazilian theme, in order to understand what this Afro-Brazilian literature is about and what its relevance in being inserted in the literary canons. The methodology used was theoretical and bibliographic. The results of this work show the needing in knowing more about Afro-Brazilian literature, as it is understood the usage of its themes in the construction of a more righteous and conscious society; this is part of the processes of deconstructing stereotypes, prejudices and racism that occur in relation to subjects that we thought we have known about the black people history in the country.

Keywords: Child of the dark. Afro-Brazilian literature. Subaltern Voices. Canon.

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), Tocantins – Brasil. Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). ORCID < <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>>. E-mail: walace@uft.edu.br.

² Universidade Federal do Tocantins (UFT), Tocantins – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins. ORCID < <http://orcid.org/0000-0003-1554-4329>>. E-mail: morais.patricia@uft.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Este texto traz o conhecimento como fonte principal de sua formulação, esse é um dos fundamentos essenciais na concepção da literatura afro-brasileira, uma literatura que nasce com o intuito de informar e, além disso, dar voz aos que durante séculos foram silenciados e excluídos por questões que não procuraram ou causaram. Compreender a respeito do que trata essa literatura faz parte dos objetivos aqui propostos, pois não se trata de uma literatura apenas para o negro, ou de como tratá-lo, mas diz sobre a sociedade, a necessidade em desconstruir os estereótipos, os preconceitos e o racismo, além de chamar a atenção das pessoas para questões que por séculos foram tratadas como insignificantes ou desnecessárias.

O livro *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, obra publicada pela primeira vez em 1960, trata acerca dos relatos de uma mulher negra, favelada e pouco instruída, sendo a própria Carolina, que vivia na favela do Canindé³, na zona norte de São Paulo.

Através de diários, Carolina relata (apesar de todos os dissabores que era viver em meio a todas as frustrações, desigualdades e “*inexistência*”) sua incansável luta para criar seus filhos e pelo direito em existir e deixar registrado como é não existir numa sociedade onde o pobre não é visto.

Este tema mostra-se relevante, pois aborda a respeito da literatura afro-brasileira, ainda desconhecida para muitos. Por vezes, acreditam que faz referência apenas ao negro (*engano!*), mas tal literatura fala acerca da sociedade, como ela tem visto o negro durante todo o período pós-abolição e as consequências que lhe foram causadas até aqui. Durante muito tempo não se entendiam as razões, mas hoje é possível identificar por meio de estudos e vivências os sofrimentos sociais infligidos aos negros.

As temáticas destacadas na literatura afro-brasileira tratam sobre questões que rondam o negro, sejam: o racismo, a desigualdade, os estereótipos, a religião, a sociedade, dentre outros pontos. Poderíamos dizer que são abordagens idênticas aquelas da literatura brasileira, porém, o lugar e as vivências do negro não fazem parte dessa literatura estudada nas escolas, ao menos, não como deveria ser.

Partimos das discussões de autores como Almeida (2018), Duarte (2011), Jesus (1993), Cuti (2010) e Kilomba (2019), que nos orientaram para a compreensão das abordagens aqui dispostas sobre a literatura afro-brasileira e a obra de Carolina Maria de

³ Hoje está localizado o Estádio da Portuguesa onde antes foi esta favela.

Jesus em relação às temáticas afro-brasileiras e a necessidade desse debate e, principalmente, do conhecimento e respeito.

2 O REFLEXO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DENTRO DO QUARTO DE DESPEJO

A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem. (CUTI, 2010, p. 33)

É necessário compreender que a literatura afro-brasileira não diz respeito a uma literatura que exclui ou separa. Na verdade, está relacionada com a inserção de vozes que por muito tempo foram silenciadas e postas como incapazes ou desnecessárias. Devemos, portanto, tratar de ouvir sobre as histórias do povo negro através de sua própria perspectiva, não mais pelo olhar do outro. Tal literatura busca entender, mas, principalmente, conhecer o autor negro e sua escrita, o que pensa e quais caminhos acha que devem ser seguidos para transformação e melhoria da sociedade.

O escritor Eduardo de Assis Duarte, em seu livro *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011), traz alguns questionamentos a respeito do que trata a literatura afro-brasileira e elenca pontos determinantes para que se possa distinguir essa literatura:

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional; mas, sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE, 2011, p. 385, grifos do autor)

Trata-se de dar à literatura afro-brasileira o direito ao pertencimento, diferente da literatura brasileira onde o negro é visto sob a perspectiva de mero espectador, impedido em autodeclarar-se como negro. A literatura afro-brasileira busca o compromisso em destacar o negro e os problemas que o concernem, assim como destaca Ironides Rodrigues em depoimento a Luiza Lobo (2007, p. 266): “A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade,

racismo. Ele tem que se assumir como negro.” Não é uma literatura com significado apenas para o negro, mas que esteja como o princípio e o fim das narrativas, além de tratar de questões que dizem respeito ao seu lugar social, econômico e político. Eduardo de Assis Duarte (2011) fala-nos que a literatura afro-brasileira é:

Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar uma escritura que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na *diferença*, que questiona e abala a trajetória progressiva e linear de nossa história. (DUARTE, 2011, p. 400, grifos do autor)

Neste sentido, podemos pensar que a literatura afro-brasileira é uma forma de resistência e de busca por espaço de vozes negras que reivindicam um lugar na literatura brasileira. Seus temas são relevantes não somente para os negros, mas para todos os brasileiros, pois a literatura afro-brasileira apresenta-nos brasis de desigualdades que muitas vezes desconhecemos. Carolina Maria de Jesus ajuda-nos a compreender sobre o universo a que pertence a literatura afro-brasileira, além de levar-nos a refletir sobre os processos históricos da desigualdade racial e social. Fernanda Rodrigues Miranda (2011), afirma que:

No campo recente de investigação acerca da constituição de um discurso literário afro-brasileiro, Carolina nos ajuda a pensar a possibilidade de inscrição que, além de trazer no plano do conteúdo as nossas contradições sociais históricas – cujas desigualdades em todos os níveis existem desde a construção de um país sob o peso da escravização de pessoas negras – também as evidencia no plano da forma, através de procedimentos estéticos que respondem à matéria social narrada. (MIRANDA, 2011, p. 22)

No livro *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus traz os escritos de seus diários pessoais, onde relata cotidianamente os infortúnios da vida na favela. Além desses relatos, ela aborda questões que naquele momento não estavam interligadas ou passavam despercebidas aos seus olhos, como afirma Fernanda de Moura Cavalcante (2017): “O desconhecimento de Carolina das razões estruturais do racismo, do sexismo e da pobreza na qual sofria, trouxe algum tipo de inviabilização em relação a sua fala, rebaixando-a, portanto, ao simples caráter testemunhal da carência em relação a sua vida de favelada.” Dessa forma, o livro de Carolina Maria de Jesus denuncia não apenas o descaso com a população favelada, mas trata sobre as condições as quais o negro, mulher ou homem,

estavam dispostos no período que o livro foi lançado, além de colocar a mulher negra como produtora de uma obra literária em um momento onde a voz da mulher não era ouvida.

Em relação à recepção do livro pela crítica literária, Maria Nazareth Fonseca *et al.* (2006) relata-nos que:

No geral, a obra de Carolina de Jesus é considerada como portadora de grande força e autenticidade. Os adjetivos dados pela crítica a sua obra variam de surpreendente e comovente, a ingênua e bizarra. Mas o certo é que a obra de Carolina não é fruto de uma refinada elaboração estética. Pode-se dizer que é “literatura em estado bruto”, resultado contundente da ação de viver. É a experiência da vida transformada em mensagem literária. É potência da vida: relatos de miséria tornados arte. (FONSECA *et al.*, 2006, p. 146)

Para além, segundo Gilmar Penteado (2017),

Carolina é uma escritora peculiar: é indiscutível. De talento extraordinário, usou as formas que tinha na luta pela sobrevivência. Queria salvar a si e a seus filhos da fome, da vida dura na favela do Canindé, na capital paulista, no final dos anos 1950. Além de ascender socialmente, mas também ser reconhecida como artista. Por isso, sua obra confunde e exige que o crítico saia de sua zona de conforto. (PENTEADO, 2017, p. 240)

Carolina Maria de Jesus não foi uma escritora padrão para sociedade. Ela buscou transformar sua experiência em arte e, de maneira quase artesanal, mostrou que ser singular em um universo completamente plural é possível. Fez-nos enxergar a beleza de uma escrita única, transparente e cheia de sentidos, mas carregada de ensinamentos e muita resistência.

Em um trecho do livro, Carolina Maria de Jesus (1993, p. 12) diz: “Sai à noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo São Paulo^[1]⁴, várias pessoas saíam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me: - Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.” É possível observar a exclusão do negro para se encaixar no mundo do branco, para isso, é necessário que ele menospreze os seus em favor de uma aceitação.

Sílvio Almeida (2018, p. 63) afirma que “a soma do racismo histórico e da meritocracia permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos.” Essa afirmativa se encontra nas linhas e vivências de Carolina Maria de Jesus (1993, p. 19): “O meu sonho era andar limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito

⁴ Nota faz parte da citação, transcrição idêntica a original.

anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela.” É possível evidenciar o demérito que há nas palavras da autora, situações dessa maneira são encontradas ao longo de todo livro, além de fazer parte da história do negro, pois sempre foi visto como não merecedor.

O demérito do negro permanece quando entendemos sobre o local que habita, as favelas tornaram-se as senzalas no pós-abolição. Magali Eckert Hentges (2013) afirma: “Livres do açoite da senzala são feitos novos prisioneiros, agora da miséria e exclusão, nas favelas, prisões, filas de desempregos, nos trabalhos precários, na ausência de direitos humanos e sociais básicos, como saúde, moradia e educação.” Ser um favelado poderia ser considerado um novo normal para o negro saído das senzalas, pois sem direitos e longe de ter uma vida digna essa ainda seria a melhor opção.

As favelas são locais onde o olhar do preconceito habita, nelas residem pessoas que não possuem condições financeiras de morar em outro espaço. Com as más condições sanitárias, sistema de saúde precário ou inexistente, na maioria das vezes de difícil acesso, com segurança muitas vezes falha, com uma educação frágil, as favelas oferecem as condições mínimas para sobrevivência. E por esses fatores é tida como um ambiente propício à violência, onde todos que ali habitam são vistos com olhares de inferioridade ou delinquência. Carolina Maria de Jesus traz-nos mais um relato:

O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. (JESUS, 1993, p. 26)

Qual poder uma *simples* catadora teria para mudar a realidade de uma favela? Nenhum. Compreender o lugar que o negro ocupa na sociedade é primordial, sabe-se que as favelas não são uma exclusividade do negro, mas a grande maioria dos que nelas habitam são negros e classes minoritárias, que estão longe de ser vistos como essenciais para a sociedade. Carolina Maria de Jesus deixa evidente que as favelas não eram uma prioridade para os governantes. Sílvio Almeida (2018, p. 88), trata sobre o ponto de quem é a responsabilidade em tratar de questões públicas: “A saúde pública, o saneamento básico, as redes de transporte e abastecimento, a segurança pública, são exemplos do exercício do poder estatal sobre a manutenção da vida, sendo que sua ausência seria o deixar morrer.” Dessa forma, destacamos

as falas de Carolina de Jesus sobre o descaso que é feito as favelas, as discriminações que levam a população e governantes a ter. Sílvia Almeida (2018) explica que:

O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a de fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raças. O racismo estabelecerá a linha divisória entre *superiores* e *inferiores*, entre *bons* e *maus*, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão sua vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e o que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição. (ALMEIDA, 2018, p. 89, grifos do autor.)

A todo momento, nos relatos de Carolina Maria de Jesus, é possível perceber as condições precárias nas quais ela e todos os moradores da Favela do Canindé viviam. O sentimento de “merece viver” ou “merece morrer” era uma constante para os favelados e Carolina Maria de Jesus entendia que os únicos que poderiam mudar a realidade deveriam ser os políticos, mas “[...] De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operários.” (JESUS, 1993, p. 36).

A fome faz parte de uma das maiores angústias relatadas pela autora. A angústia de não ter o que dar de comer para seus filhos a afligia. Carolina Maria de Jesus relata:

27 DE MAIO [...] percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome. (JESUS, 1993, p. 39-40)

Sobreviver à fome era uma das prioridades de Carolina, mas além de resistir, ela persistia diariamente em relatar sua sobrevivência, em ser aquela quem fala o que ninguém quer dizer: das mazelas, dos sofrimentos, da dor e do preconceito. Sobre a fome no referido livro, Maria Nazareth Fonseca *et al.* (2006, p. 148) contam-nos que:

A fome aparece insistentemente como personagem na obra de Carolina de Jesus. Em Quarto de despejo ela se faz presente de forma tão contundente, que chegou a ser classificada por Audálio Dantas como “personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina”.

Grada Kilomba (2019, p. 57) relata-nos sobre esse lugar do discurso onde se coloca Carolina de Jesus e que é preciso ser explicitado: “falar sobre essas posições marginais evoca dor, decepção e raiva.” Carolina Maria de Jesus nos relata:

Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se. Outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola. A dona da casa mandou esperar [...] A mulher continuou dizendo que a dona da casa surgiu com um embrulho e deu-lhe. Ela não quis abrir o embrulho perto das colegas, com receio que elas pedissem. Começou pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos. (JESUS, 1993, p. 55)

Os sentimentos de Carolina Maria de Jesus em favor das situações vividas por ela muitas vezes são deixados para que o leitor interprete e seja levado pelas emoções daquele momento e consiga entender o que é a desigualdade e como ela dói. Mesmo com pouca instrução escolar, a escritora nos leva a realizar questionamentos e reflexões a respeito de questões que para a época na qual escrevia não eram postas no plano de debates e diz respeito aos comportamentos, atitudes e formas de tratamento dos indivíduos, a exemplo:

Um dia, um branco disse-me: - Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1993, p. 58)

Para além das questões raciais, Carolina Maria de Jesus desenvolve um movimento intelectual para compreender o porquê de tanta desigualdade entre as pessoas, assim como a própria afirma: “A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco.” Sentir-se superior a alguém pelo fato de ter mais poder aquisitivo ou ser de uma cor mais “aceitável” que outra não deveria ser parâmetro para indicar quem é merecedor ou não de privilégios. Esses questionamentos feitos por Carolina Maria de Jesus nos levam a perceber como as vozes eram silenciadas, quem não fazia parte dos “aceitáveis” deveria ser silenciado e posto de lado como um demérito. Grada Kilomba (2019, p. 75, grifos da autora) trata sobre as “diferenças” que existem entre negros e brancos:

Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” do sujeito de quem? É o *sujeito negro* “diferente” do *sujeito branco* ou o contrário, é o *branco* “diferente” do *negro*? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma *branca*. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são

construídas/os então como “diferentes”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “*Outras/os*” raciais “diferem”. Nesse sentido, não é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação.

Ainda, as questões que envolvem a literatura afro-brasileira dizem respeito ao lugar social ao qual o negro está inserido, não se tratando apenas de se afirmar como negro, mas em relatar e principalmente denunciar todas as formas de racismo, preconceito, desigualdade, opressão, e necessariamente o silenciamento que as vozes tidas como subalternas estão sendo colocadas. Carolina Maria de Jesus era uma voz subalterna a vista dos grandes escritores, mesmo com o lançamento de seu livro nacional e internacionalmente, em 1960, sua realidade como semianalfabeta, favelada, catadora e negra, ainda a imputavam o descrédito de merecimento em ser vista como escritora, como afirma Fernanda Rodrigues de Miranda (2011):

Carolina no contexto histórico da década de 1960 que se polarizava, grosso modo, entre o regime militar ditatorial, a cultura marginal urbana e a intelectualidade militante de esquerda foi o do estranhamento, do exótico, do Outro, e, apesar do sucesso notável de vendas no Brasil e no exterior, a escrita não foi considerada literária e o valor das palavras esteve contido na percepção do caráter do livro como documento de uma época, produzido pelo sujeito da experiência, e do estatuto de realidade – ou de retrato fiel da verdade – sobre ele projetado. (MIRANDA, 2011, p.20)

Carolina era ciente que seu livro não seria bem-visto. Em seu livro **Casa de alvenaria** (1961), ela relatou (JESUS, 1961, p. 30): “Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com este tipo de literatura. Seja o que Deus quiser.” Não era um livro comum, nem com uma escrita comum. Com formalidades, trazia à tona questões reais sobre a vida de pessoas, de um espaço onde o que mais buscavam era esconder a parte da cidade onde tudo que não prestava era despejado.

Ela incomodou. Carolina Maria de Jesus (1961, p. 63-64) fala-nos que: “**19 de outubro** [...] Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo – os filhos abluíram-se – Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?” Vale registrar que ela foi a primeira autora afro-brasileira a tratar sobre a prática histórica da pobreza e da desigualdade racial no campo literário. Todavia, mesmo na atualidade, suas obras não são tão conhecidas como deveriam, uma vez que retratam relações sociais, espaços e situações problemáticas da sociedade brasileira.

A literatura afro-brasileira tem como escopo principal o negro, todas as vertentes que se ligam a esse ser de corpo e mente, sejam em questões que busquem o conhecimento das religiões de matriz africana, seja a constante luta por respeito, por direitos, pela resolução das desigualdades. A obra de Carolina Maria de Jesus, **Quarto de despejo – diário de uma favelada**, nos traz esta literatura através de relatos. Não fez parte de um estudo científico, pelo contrário, as experiências foram reais e vividas pela própria escritora. Gilmar Penteadó (2017, p. 248) nos faz refletir sobre o valor da obra de Carolina Maria de Jesus “talvez Carolina não tivesse consciência disso, mas devemos a ela o momento em que o morador da periferia deixa de ser objeto, rejeita o mediador letrado e passa a falar por si mesmo.” O silêncio que existia dos subalternos foi interrompido pelas vozes vindas dos relatos, disso que trata a literatura afro-brasileira; dar voz, dar espaço a quem sempre foi objeto e hoje se faz autor.

Conseguir um lugar no cânone literário é privilégio para poucos autores. Cuti⁵ (2010) diz-nos sobre a predominância no cânone literário:

No campo específico da literatura escrita (já que ela é um determinado tipo de discurso, tipificado principalmente pelos críticos e teóricos de várias épocas e lugares, e, fundamentalmente, por escritores), e particularizando o Brasil, a matriz europeia é predominante. Nossa produção, nesse campo nasceu, desenvolveu-se e continua seu curso tendo como paradigma a produção europeia. Dizer “branca”, nesse caso, é redundância. Imitar, citar, ler, comentar autores europeus sempre trouxe e traz aura de respeitabilidade para quem assim age e para o trabalho que por ventura desenvolver. Verniz ou conteúdo absorvido, **o fato é que o chamado cânone literário predominante no Brasil é de estofado europeu.** [...] Sem dúvida, tal situação mudou ao longo do tempo. Nem todo branco é racista. Nem todo crítico, jornalista, professor, livreiro ou leitor é branco. Mas, estatisticamente, a situação não se alterou muito. (CUTI, 2010, p. 50-51, grifo nosso)

Como Cuti (2010) afirmou, o cânone literário brasileiro ainda é representado por “uma matriz europeia”. Desta forma, livros como o de Carolina Maria de Jesus, que nos traz uma literatura marginal, “revolucionária” e de resistência, que foge completamente dos padrões estabelecidos para as ditas literaturas canônicas, não se enquadram no parâmetro intelectual da branquitude racista brasileira.

Por fim, é necessário ver a obra de Carolina Maria de Jesus como um marco para a literatura afro-brasileira, pois traz uma realidade que por anos ficou encoberta e silenciada por

⁵ Pseudônimo de Luiz Silva, poeta, escritor, militante do Movimento Negro brasileiro. É formado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi um dos fundadores da organização literária *Quilombhoje* e um dos criadores e mantenedores da série “Cadernos Negros”.

séculos. Como Fernanda Rodrigues de Miranda (2011, p. 23) diz: “A literatura afro-brasileira constrói-se como ato de autonomia do sujeito que escreve. Nesse sentido, a complexidade da obra de Carolina Maria de Jesus é que ela o fez a partir da criação de uma estética própria.” Mesmo sem a instrução necessária para escrever um livro, escreveu e, além disso, criou uma estética única. Gilmar Penteado (2017, p. 240) deixa para nós uma afirmação significativa “Se Carolina não serve para o cânone, o cânone também não serve para Carolina.” Desta forma, dizer que o livro **Quarto de despejo - diário de uma favelada** não merece o crédito para as literaturas canônicas brasileiras seria um erro inadmissível e imperdoável.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou compreender sobre a temática da literatura afro-brasileira através da obra **Quarto de despejo - diário de uma favelada**, de Carolina Maria de Jesus, realizando um estudo a respeito dessa obra que se fez tão singular e transformou-se num marco para as vozes subalternas que sempre tiveram suas vozes silenciadas. Além de compreender sobre as temáticas tratadas pela literatura afro-brasileira e que vão ao encontro daquelas tratadas na obra de Carolina de Jesus, também foi possível discutir um pouco sobre a inserção de obras como a de Carolina de Jesus no cânone literário.

Entender as temáticas que fazem parte da literatura afro-brasileira pode causar contrariedades e muitas vezes levar a análises errôneas a respeito de seu objetivo, como diz o poema de Éle Semog: “[...] Não é que eu seja racista..., Mas existe uma História que só os NEGROS sabem contar... Que poucos podem entender.”, pois trata-se de uma literatura onde o negro é a voz principal e apenas ele é capaz de falar sobre suas dores, aflições e lutas, por mais que se queira retratar sua história, nunca será explicitado com a mesma verdade de quem viveu ou vive.

Carolina Maria de Jesus traz a voz da mulher negra e favelada para sua narrativa através de seu lugar social e fala sobre as desigualdades raciais e da pobreza a qual tentava diariamente sobreviver. A autora soube introduzir uma temática realista da favela na literatura brasileira e, além disso, formalizou esteticamente essa temática.

Vimos que ela explora uma narrativa onde o subalterno tem voz e a utiliza para denunciar as opressões e exclusões. Mesmo sofrendo humilhações e sendo inferiorizada por sua condição de mulher, favelada e negra, Carolina Maria de Jesus deixava claro o orgulho por sua cor. Jesus (1993, p. 58) diz-nos: “Se é que existe reencarnações, eu quero voltar

sempre preta.” Ela reafirma o orgulho de sua cor de pele mesmo sabendo que toda sua miséria estava relacionada com sua negrura.

Sua obra trouxe à tona reflexões necessárias a respeito de quem estava a margem da sociedade, como brilhantemente nos trouxe a metáfora do **Quarto de despejo**, onde os excluídos da sociedade são colocados, despejados e esquecidos. O silenciamento das vozes subalternas diz respeito àqueles que nunca puderam falar sobre si, sobre suas dores e necessidades, mas nunca desistiram e, como Carolina Maria de Jesus, resistiram e transformaram a forma como muitos os enxergavam.

Para finalizar, esperamos que este artigo seja instrumento de conhecimento e auxilie na análise sobre a literatura afro-brasileira, possibilitando uma descoberta quanto as suas obras literárias, que buscam o descobrimento de um novo olhar para as questões étnico-raciais, mas que o negro esteja como autor principal dessa literatura tão significativa, além de transformar nossa visão a respeito das obras que merecem créditos de serem consideradas essenciais para o cânone literário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CAVALVANTE, Fernanda de Moura. A Literariedade da Obra de Carolina de Jesus: um reconhecimento necessário. **Portal Geledés**, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literariedade-da-obra-de-carolina-de-jesus-um-reconhecimento-necessario/>. Acesso: 15 jun. 2020.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 4v. (Humanitas).

FONSECA, Maria Nazareth; JOVINO, Ione; MACHADO, Vanda; OLIVEIRA, Sílvio. Autores afro-brasileiros contemporâneos. In: SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 113-178.

HENTGES, Magali Eckert. Violência Contra o Negro (Racismo). **Psicologado**. 2018. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-social/violencia-contra-o-negro-racismo>. Acesso: 15 jun. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática. 1993.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria** – diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1961.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2.ed. ver. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. O campo literário afro-brasileiro e a recepção de Carolina Maria de Jesus. **Estação Literária**, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt02.pdf>. Acesso: 15 jun. 2020.